

CONGRESSO

JENARO MARINHAS DEL VALLE



Corunha 26, 27 e 28 de Fevereiro de 2009

[CENTRO SOCIAL CAIXANOVA](#)

av. da Marinha esquina r/ Fama

A Associação Galega da Língua, ao cumprir-se o 25 de Novembro de 2008 o centésimo aniversário do nascimento de [Jenaro Marínhas del Valle](#) (A Corunha: 25 de Novembro de 1908-23 de Dezembro de 1999) membro de honra da nossa Associação, quer aprofundar no estudo da sua figura e na tradição galeguista a que pertence e tirar à luz a importância da sua figura e a mensagem de significado que tem tam importante para o nosso país, e ainda mais polo ocultamento que desde muitas instituições se fai desta e doutras figuras de enorme relevo para o galeguismo e as nossas letras como Ricardo Carvalho Calero, Ernesto Guerra da Cal, Júlio Garcia Santiago, Manuel Rodrigues Lapa....

Na trajetória vital de Jenaro Marínhas del Valle salientam três instantes: os primeiros anos, antes da guerra de 1936, em que se moveu num meio mergulhado no Galeguismo, nas concepções do galeguismo republicano-liberal que por quase um século agromarom nessa cidade, e em que atingiu a sua formação, além de editar as primeiras produções; um segundo período, durante o franquismo e primeiros anos da Restauração da democracia, em que manteve estreita ligação com o Galeguismo interior e na emigração; e umha etapa final, de claro compromisso com os grupos defensores do Reintegracionismo.

Desde mui novo contacta Jenaro Marínhas com a intelectualidade galeguista da cidade da Corunha, por meio das tertúlias a que acode o seu pai, relacionado com o grupo conhecido como *Cova Céltiga*, e nas quais participavam Heládio Rodríguez, Francisco Tettamancy, Carré Aldao, Lúgris Freire ou os irmáns César e Florêncio Vaamonde. Também tivo ligação com Antom Vilar Ponte, Joam Vicente Biqueira, Vítor Casas ou Ângelo Casal. Nos primeiros estudos coincidiu nas aulas com Luís Seoane, Emílio Pita e Urbano Lúgris. Alcançado o Bacharelato, apontou-se no Curso de Filosofia e Letras na Universidade de Santiago, que nom finalizou, e, a seguir, realizou estudos empresariais, para se dedicar a profissões mercantis. Frequentou as Irmandades da Fala desde a sua fundação e, no ano 1933, foi co-fundador da "Mocidade Galeguista" da Corunha, em colaboração com Galán Calvete. Nela exerceu de Secretário-Geral. Esta organização, mais tarde, colaborou com o Partido Galeguista na campanha do Estatuto de Autonomia de 1936.

Dos anos da pré-guerra data o seu primeiro texto teatral, que entregou a Vítor Casas, quem o levou a Santiago para que Ângelo Casal o publicasse. Mas este texto nom chegou a ser editado e perdeu-se. Igualmente, correspondem a essa altura os seus primeiros contributos jornalísticos n'*A Nosa Terra* e as suas primeiras poesias, na revista *Vida Gallega*.

O franquismo e a transição

Nos anos da após-guerra viajou por diversos países da Europa, entre eles alguns do Leste, como Jugoslávia, Hungria ou Checoslováquia, viagem na qual escreveu de novo poesia.

Participou nas primeiras reuniões de galeguistas (estivo presente na celebrada em Vigo em Julho de 1943), que levariam a empreendimentos como a fundação da editora Galáxia e a edição de *Grial*. Nesta revista publicou os seus primeiros textos literários desta etapa. Também durante o franquismo colaborou no *Correo de Galicia*, de Buenos Aires. Entre os acontecimentos de destaque neste período há que citar:

1952.-Edita o texto teatral *A Serpe* (Colecção *Grial*, nº 4, Galaxia-Vigo)

1964.-*Monifates* (Contém as peças dramáticas *O triángulo ateo*, *A chave na porte*, *Escaparat de Baratillas* e *A Redención*, (*Grial*, número 4)

1965.-*A Revolta e outras farsas* (contém as produções anteriores, além de *A Revolta* e *A Obriga*), Galáxia, Vigo. Pola peça que serve de título ao volume conseguiu o prémio Castelão de teatro galego, convocado aquele ano pola Associação Cultural O Galo, de Santiago. A estreia de *A Revolta* aconteceu em 3 de Dezembro desse mesmo ano, no Hostal dos Reis Católicos de Santiago, polo grupo Cantigas e Agarimos.

Em 1966 Ricardo Carvalho Calero, num trabalho publicado no número 11 de *Grial* refere-se a *A Revolta* como "un drama envolvendo unha concepção inexoravelmente trágica da condição

humana". Esse ano, Cantigas e Agarimos estreia, em 23 de Março, igualmente em Compostela, *A Obriga*.

1967.-*A festa do Cheneque e outras historias* (narrações publicadas em *Grial*).

1968.-*Pequena farsa dos amores desencontrados* (*Grial*, nº 21, teatro).

1969.-Em 16 de Maio som estreadas *A Serpe* e *Pequena farsa dos amores desencontrados*, no colégio Peleteiro de Santiago, pola companhia de Cantigas e Agarimos.

1972: *Loucura e morte de Peregrino* (*Grial*, nº 36, teatro).

1974.-*Duas pezas de teatro inerte* (*Os Ausentes* e *No palleiro*; *Grial*, nº 44). Em Janeiro desse ano Luís Seoane dedica-lhe um dos seus trabalhos da série "Figuraciós", no jornal *La Voz de Galicia*, onde informa do projecto de Marinhas de preparar umha versom moderna da tragicomédia de Gil Vicente "Amadis de Gaula", e assinala *La Draga*, revista que fundou, como umha publicação que "con humor, tratou de ourentar a vida política de A Cruña dun xeito limpo e leal às aspiraciós da totalidade de Galicia".

1977: *O bosque* (*Grial*, nº 57, teatro).

1978: Ingressou, em 25 de Fevereiro, como membro numerário na Real Academia Galega, à qual pertencia desde três anos antes. O seu discurso intitulou-se *A importância do público na revelação teatral*, e foi publicado por Ediciós do Castro no ano 1979, junto com a documentada resposta que tivo de Marino Dónega (ver Bibliografía).

1979: Publica *Lembrando a Manuel Antonio*, volume editado pola "Xunta de Galicia" com ensejo da comemoração oficial do "Dia das Letras Galegas". Nesse ano, no estudo *O teatro galego*, de Manuel Lourenzo e Pillado Mayor afirma-se (pág.125) que a produçom teatral de Marinhas, junto com a de Carvalho Calero, caracteriza autores que se imponhem "unha linha de exigências que atinge a situar as suas obras na revolta ideológica e estética do teatro contemporâneo".

Abril de 1981: *Acurrados* (A Corunha, *Cadernos da Escola Dramática Galega*). A professora Katleen March, no verbete que lhe dedica esse ano na *Gran Enciclopedia Gallega*, ao analisar a produçom de Marinhas salienta a "preocupación social" do seu teatro e a sua "habilidad cuentística".

Jenaro Marinhas, a AGAL e o reintegracionismo

Em Outubro de 1981 legaliza-se a Associação Galega da Língua, que tivo em Jenaro Marinhas umha das suas personalidades mais activas e significadas, e que o escolheu como [Membro de Honra](#). Nesse mesmo ano foi designado pola Real Academia Galega para intervir como representantes da instituiçom num acto de homenagem a Joám Vicente Biqueira, em Bergondo.

No ano 1985 principia a sua colaboraçom na revista *Agália*, já desde o número 1, em que apareceu o seu trabalho "Linguagem e Literatura", texto de umha palestra proferida meses antes no decurso de umha homenagem a Carvalho Calero. O seu título, entom, fora "O mito do enxebrismo". As onze páginas deste trabalho resultam fulcrais para conhecer o seu ideário a respeito do idioma. Nele assinala como "aos treze anos, sem ter recebido liçom algumha de português, lia Herculano, Camilo, Eça, com pleno aproveitamento", e defende que "a lusofobia revela umha imaturidade galeguista: o galego plenamente formado nom pode ver em Portugal e no português algo estranho, mas a prolongaçom de si mesmo: a Galiza botada a andar".

Os seus contributos na revista serão constantes. Em 1986 publica os textos teatrais *A notícia* (número 5) e *O Assento* (número 6). Outra peça teatral, *Exiliados*, aparece no número 1 da revista *No*, editada pola "Asociación de Escritores em Língua Galega" no ano 1986.

Em 1987 participou no II Congresso Internacional da Língua Galego-Portuguesa na Galiza, organizado pola AGAL: a ele correspondeu proferir a primeira comunicação, intitulada "O verso na recuperaçom literária do galego". Nesse ano, a AGAL edita *A vida escura*, volume em que figuram 36 narrações breves, a maior parte inéditas, embora algumas difundidas anteriormente em

Grial. No lançamento do volume, a editora salienta a "beleza das estórias, histórias e contos", uns textos em que se encontra "essa elegância, clássica, do estilo, o equilíbrio permanente entre a linguagem popular e a erudita, entre o galego-privativo e o galego-português, e aquela riqueza de léxico, em que tanto contam os neologismos próprios que o escritor utiliza sempre com grande acerto e sensibilidade". Nesse mesmo ano, no número 9 da *Agália* edita *O mantido*, um novo trabalho teatral; e a revista *O Ensino* (volume correspondente aos números 18-22) reedita o ensaio "O mito do enxebrismo".

Em 1988 começou a fazer parte da Comissão para a Integração da Língua da Galiza no Acordo da Ortografia Unificada, presidida por Ernesto Guerra da Cal, e da qual foi eleito vice-presidente. Em virtude desse posto assinou diversos relatórios, que fôrom enviados às mais altas instituições políticas e científicas. Além disso, no número 13 da *Agália* publica-se o seu estudo "Lembrança de Carré, com excertos sobre teatro"; e no número 16 o texto teórico "Da personagem teatral".

Em 1989 o número 18 da *Agália* inclui umha ampla entrevista que concedeu a Henrique Rabunhal e José Maria Monterroso, sob o título "Jenaro Marinhos del Valle: Testemunha de umha lealdade". Neste longo depoimento revisa a sua trajectória biográfica e literária, expondo a sua ideologia e os motivos das transformações experimentadas. Também se inclui umha mui interessante iconografia e umha selecçom de "Bibliografia activa" e "Bibliografia Passiva". Nesse ano contribui para o volume de homenagem a Ernesto Guerra da Cal, da revista *Nós* (nº 13-18), com a narrativa "O Nó".

No ano 1990, em 30 de Março, após a morte de Ricardo Carvalho Calero, renuncia ao posto que ocupava na Real Academia Galega. No escrito em que comunica a sua decisom, justifica-a com estes argumentos:

"Por considerar que imprimiades à Corporaçom um rumo a mais de pouco académico disconforme com os interesses da cultura galega vam sobrepassados sete anos nos que, como sabedes, nom respondo às vossas convocatórias mantendo umha distância sem chegar à separaçom total mentres honrava a Instituiçom a figura excepcional de Ricardo Carvalho Calero. Quebrado agora, bem dolorosamente para mim, esse fio que à Academia me prendia, deixo vacante um sitio que nunca ocupei gostoso e admito que sem merecimentos. Vou-me amigo dos amigos mas nom podo continuar companheiro polos caminhos que levades. Está certo que nom imos para a mesma romaria. Nom me dita esta determinaçom resentimento ou desafecto pessoal para ninguém e muito menos para os que, mais de cinqüenta anos atrás, tiverem por camaradas na Mocidade Galeguista de saudosa lembrança. Vem-me ditada pola voz imperiosa da minha consciência formada num inquebrantável nacionalismo integral que evidentemente nom compartides. Envio-vos o último abraço académico".

Nesse ano participa no III Congresso da Agal, celebrado em Vigo no mês de Setembro, no qual figurava na Presidência de Honra e ocupou um lugar na mesa presidencial na sessom de abertura, sendo umha das personalidades que proferiu umhas palavras, entre as quais se pode salientar o seguinte parágrafo, depois de se referir à desobediência bíblica de Adám e Eva:

Também a Associaçom Galega da Língua nasce de umha desobediência. Abandona as comodidades do Edém em que se albergam os brutos obedientes que satisfazem a sua fame com os pensos compostos servidos no presépio oficial para comer livremente dos frescos pomos naturais que pendem dos ramos da árvore da ciência lingüística.

Ainda nesse congresso apresentou o estudo "A estética da linguagem em *Queixumes dos Pinos*". Nele afirmava que

Para que o povo se interesse pola própria língua há de ver nela um veículo de cultura e de intercomunicaçom com outros povos. Se lhe oferecemos um dialecto degradado e de comunicaçom apenas vizinhal, claro é que a rejeita e pom empenho em adquirir outra que lhe proporcione mais

alargadas perspectivas. Sem chegar à profecia de Curros (na qual nem ele mesmo acreditava) há que fazer ver ao povo que a sua língua nom carece de valor universal e isto é o que proclamava repetidamente Pondal com visom futurista afirmando a comunidade lingüística com Portugal. Há que fazer ver ao povo que a aproximação ao português nom representa serventia nem menoscabo algum e si, polo contrário, reforçamento da própria personalidade, há que fazer-lhe ver o futuro da grande família luso-brasileira, da nossa própria raiz, há que oferecer-lhe um galego internacional entendido em vários Estados independentes de Europa, América e África.

Em 1990, na *Agália*, publica três produções: "O real em cena. Notas a esmo", um estudo aparecido no número 21; "Lugris, oratória e teatro", outro estudo, no número 23, dedicado pola revista em homenagem a esse vulto da Literatura Galega; e "Os alárvios", umha interessante carta publicada no mesmo número 23, na qual se refere a esta forma lexical, que ele empregou nas páginas de *A vida escura*. Esse ano, na colecção teatral "A Biblioteca do Arlequín", da editora Sotelo Blanco, apareceu o seu texto *Ramo Cativo*, com umha "Notícia Preliminar" dele, de interesse para conhecer o seu ideário sobre o teatro e sobre a génese desta produção; e num volume colectivo de monólogos, incluído no número 85 dos *Cadernos da Escola Dramática Galega* publica-se o seu trabalho *Home Frouxo*.

Em 1991 recolhe-se mais um novo estudo seu na *Agália*, intitulado "A língua do escritor" (no nº 25); e no número 26 da revista três relatos: "Umha velha feliz", "A última travessia" e "O 'Di-lhe'". Outra produção desse ano é "Tradição nacionalista na cidade da Corunha", difundida in *A Coruña na cultura galega*, de J. M. Monterroso (ed), volume publicado na Corunha pola Agrupación Cultural O Facho.

Em 1992, a *Agália* dedica-lhe um volume de homenagem, o número 32, com trabalhos sobre diferentes aspectos da sua produção, de Elvira Souto, Henrique da Costa López, Joel R. Gómeiz, Aurora Marco e Henrique Manuel Rabunhal Corgo, apresentados em Junho desse ano numha homenagem organizada pola AGAL na sua honra. Num número anterior da *Agália*, o 29, dedicado em honra de Carvalho Calero, Marinhos ofereceu o contributo "Dedicados e intonsos". Participa na revista *Gaveta*, da Universidade da Corunha, com o trabalho "Umha tarde em Paris". Ainda nesse ano, com ensejo da celebração do *Dia Mundial do Teatro*, em 27 de Março, recebeu o "Prémio Compostela", como reconhecimento à sua trajectória.

Em 1994 participou como membro da candidatura do BNG para o Senado. Em Maio de 1995, as associações culturais O Facho e Alexandre Bóveda, da Corunha, comemoráram o 80 aniversário da fundação, na cidade, das Irmandades da Fala. Entre as actividades programadas figurou umha homenagem a Jenaro Marinhos, em 9 de Maio, à qual ele nom assistiu por convalescer de umha intervenção cirúrgica. O acto consistiu numha conferência de Henrique Rabunhal, intitulada "Jenaro Marinhos del Valle, o buscador da liberdade".

Também em 1995 prologou *O Ensino da Língua: Por um cámbio de rumo*, de Pilar Garcia Negro e Xoán Costa Casas, editado pola AS-PG, um volume de enorme relevo dentro do processo de canonização de Castela, e nom só. No seu texto, Marinhos lembra o seu relacionamento com Castela e rememora como eram as Mocidades Galeguistas no período 1930-36, na Corunha, e a "controvérsia constante" que as caracterizou, solicitando apoio aos mais novos para o nacionalismo. No semanário *A Nosa Terra* publica um trabalho sobre Ângelo Casal. Nesse ano, as *Atas do Congresso Internacional de Língua, Cultura e Literaturas Lusófonas. (Homenagem ao Professor Ernesto Guerra da Cal)*, publicadas nos números 27-38 da revista *Temas de O Ensino*, das Irmandades da Fala de Galiza e Portugal, incluem o seu contributo "Momentos duma literatura intermitente: Galiza", um texto de relevo para conhecer o seu posicionamento a respeito da sua geração literária e a respeito do Reintegracionismo. Nele defende que "A literatura depende largamente dos condicionamentos morais e políticos da sociedade em que se desenvolve, mas também ela por sua parte há de exercer a sua pressão na sociedade" e defende, como conclusom do seu depoimento:

é necessária, urgente e imprescindível uma crítica severa e construtiva, que seleccione os materiais empregados, a matéria prima, a linguagem que dia a dia vão deteriorando escritores que, incapazes de competir em campo aberto, vem com agrado a redução do âmbito cultural galego a curral valado, onde, sem grande esforço, possam luzir crista de galo polainudo entre mansas galinhas, pouco poderosas.

Igualmente, em 1995, no mês de Dezembro, no número 12 da *Revista Galega de Teatro-Información Teatral*, edita-se *A Gaiola*, um seu "Entremês dividido em cinco quadros", como ele próprio o define. Nesta publicação especializada é apresentado como "o iniciador do teatro social na dramática galega de posguerra" e afirma-se que, com a publicação do texto procura-se "render unha merecida homenaxe a un autor incompreensiblemente esquecido e marxinado". Também inclui umha carta de Marinhoas a Francisco Pillado em que, falando desta produçom, afirma Marinhoas:

Nengum home cabal ha de conformar-se com a proibichom de tomar os frutos da árvore da ciencia e ha de insurgir contra umha ordem que trata de mantê-lo equiparado aos brutos por mais que a insurgência implique o abandono de todas as delicias e gozes que a cambio do sometimento e a ignorancia lhe som concedidas. Sem a liberdade de indagar e saber o Edem será um cárcere insuportável como já se veu nos tempos primigénios e continuamos a ver nos modernos.

Em 1997, no número 49 da *Agália*, publica "Apenas um sonho" e "A sós consigo", duas novas peças de "teatro inerte", continuidade das dadas a lume em 1974 em *Grial*. Numha apresentação destas novas produções, no que é um dos seus mais singulares contributos para a Literatura Galega, afirma que fam parte de um conjunto que décadas antes decidira dar ao esquecimento, e no qual indica que "acho mais ao meu alcance a forma dialogada, deste jeito a situaçom ou anedota passa directamente dos protagonistas ao receptor (leitor ou espectador) sem escritor intermediário, que fica excluído".

No ano 1998, a "Asociación Sócio-Pedagóxica Galega" e a "Agrupación Cultural Alexandre Bóveda" organizárom na Corunha mais umha homenagem a Jenaro Marinhoas. Com tal ensejo difundiu-se umha unidade didáctica, na qual se recolhe a intervençom no acto da Professora e Deputada Pilar Garcia Negro (1998:6-7), na que se condensa a valia da figura de Jenaro Marinhoas para as nossas letras galegas e para a dignidade da naçom.

Jenaro Marinhoas pertence a tradiçom galeguista, progressista e liberal que existiu na cidade da Corunha de jeito dominante e esmagador desde 1840 até 1936. A ditadura, entre outras cousas, serviu para apagar essa tradiçom e que só aparecessem epígenos regionalistas que pareciam representar um algo, ao que eles em realidade nunca pertenceram. Jenaro afirmou sempre o carácter universal e lusófono da língua da Galiza

O congresso em homenagem a Jenaro Marinhoas del Valle, organizado pola AGAL, celebra-se na cidade onde por direito corresponde, desenvolvendo-se ao longo de três dias 26, 27 e 28 do mês de Fevereiro de 2009.

As comunicações vam-se centrar na sua figura e o mundo que a produziu:

- a) A Figura de Jenaro Marinhoas del Valle**
- b) A Tradiçom Galeguista a que Marinhoas pertenceu**
- c) A Corunha actor destacado e determinante no fazer galeguista e na construçom dum projecto nacional e cultural galego.**

Poderám-se apresentar comunicações livres sempre que foquem de algum jeito aspectos relacionados com os apartados anteriormente destacados, e com uma extensom máxima de 12 páginas em Times Roman tamanho 12, a dous espaços, enviar a: presidencia@agal-gz.org.

Durante o Congresso decorrerám também as seguintes actividades:

- a) **Realizaçom dum guia de visita à cidade recuperando todos os lugares e ámbitos pertencentes a tradiçom galeguista a que pertencia Jenaro Marinhos e inaguraçom duma das placas que vam indicar este novo roteiro herculino.**
- b) **Exposiçom bibliográfica sobre Jenaro Marinhos**
- c) **Colocaçom dumha placa na sua morada**
- d) **Recepçom por representantes da câmara municipal dos relatores do Congresso**

Todas comunicaçõs vam ser publicadas pola AGAL

Presidência de Honra do Congresso

Maria do Carmo Henriquez Salido e Pablo Gonzalez Mariñas

Comissom congressional

Alonso Estraviz, Isaac
Banhos Campo, Alexandre
Garcia Negro, Pilar
Gil Hernández, António
González Mariñas, Pablo
Guisan Seixas; João
Henriquez Salido, Maria do Carmo
López, Felipe Seném
Marco López; Aurora
Monteiro Santalha; Martinho
Monterroso Devesa, José Maria
Outeiro Garcia, José Manuel
R. Gómez, Joel
Rábade Castinheira, Joám Carlos
Rabunhal Corgo, Henrique Manuel

HORÁRIO DO CONGRESSO

Dia 26 de Fevereiro,

De 16h30 a 17h00

Recepção de congressistas e entrega de documentação

Às 17h00 Sessão de Abertura,

Pablo Gonzalez Mariñas, Maria do Carmo Henriques Salido, Representantes da Conselharia de Cultura e do Concelho da Corunha, e do Conselho da AGAL

1º Sessão do Congresso: (haverá colóquio com os relatores)

17h45 Doutor Pablo Doutor González Mariñas: O Meu Tio

18h20, Doutora Maria do Carmo Henriques Salido: Jenaro Marinho na minha lembrança

19h00, Doutor Joel Rodrigues Gomes: Achei a biografia de Jenaro Marinho

19h40, Doutora Aurora Marco: Jenaro Marinho Poeta.

20h00, Doutor Ernesto Vazquez Souza, Apontamentos sobre a repressão do galeguismo

dia 27 de Fevereiro

2º Sessão do Congresso

10h00. Professora Manuela Ribeiro Casado: A Vida Escura

10h30, Doutor Isaac Alonso Estraviz. Um patriota integral

11h30, Professor António Gil Hernandez: A Corunha galeguista que descobrimos

12h00, Doutor Henrique Manuel Rabunhal Corgo: Jenaro Marinho del Valle Leal e erguido

12:40, Historiador da Arte Felipe-Senen López Árias: Espaços de Cultura e galeguismo na Corunha do século XX

13h00, Professora Doutor Maria J. Lourenço Modia: Recursos Expressivos de Jenaro Marinho

13h30, Professor Pedro Fernandez Velho: Ferramentas para mover a acção na aula

Jantar dos relatores e organizadores

16h30, Recepção no concelho, e petição dumha rua para Jenaro Marinho, Apresentação do roteiro da Corunha de Jenaro Marinho

17h30. Visita guiada à Corunha de Jenaro Marinho

21h00 Colocaçom dumha placa na praça de Pontevedra nº 17

Dia 28 de Fevereiro

3ª Sessom do Congresso

10h00. Professor José Maria Monterroso Devesa: A Corunha para Jenaro Marinhos

10h30 Doutora Pilar Garcia Negro: Jenaro Marinhos, drama e exemplo do século XX

11h00 Doutor Fernando Vázquez Corredoira: A Língua de Jenaro Marinhos

11h30 Doutor Martinho Montero Santalha: Versos em Prosa

12h00 Professor João Guisan Seixas. A Corunha cerne de literatura

12h30 Encerramento do Congresso e entrega de diplomas

O Congresso Jenaro Marinhos, está em processo de reconhecimento pola Universidade da Corunha como um crédito de livre configuraçom

FOLHA DE INSCRIPÇOM DOS PARTICIPANTES COM DIREITO A DIPLOMA

D_____b.i_____

Morada em_____

Localidade_____c.p._____

e-mail:_____

Profissom_____

Acompanha-se a folha de inscripçom com o justificante de ingresso de 30 €, indicando taxas assistêcia ao congresso.

Em CaixaGalicia 2091-0450-48-3040018887

O CONGRESSO JENARO MARINHAS DEL VALLE

É organizado pola Asociación Galega da Língua (AGAL)



E conta com a colaboración das seguintes institucións e entidades

